

**Da ontologia à história: “O desejo de ser” (à luz da psicanálise existencial)
enquanto problema moral**

Carlos Eduardo de Moura¹

Vitória(ES), vol. 4, n.2
Agosto/Dezembro 2015

SOFIA
Versão eletrônica

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar - CAPES/FAPESP)

RESUMO: Pretende-se, neste trabalho, inserir o tema da moral na psicanálise existencial apresentando o paradoxo da existência humana (liberdade-determinação) pela ótica do *desejo de ser* (condição ontológica) enquanto escolha autêntica ou inautêntica de si. Fundamentar-se-á que toda *escolha* se dará somente a partir das determinações objetivas que envolvem o sujeito agente, já que “o desejo de ser” insere-se no movimento histórico (realidade material, *praxis*).

Palavras-chave: Sartre, situação, desejo, autenticidade.

ABSTRACT: In this paper, we intend to insert the theme of morality in the existential psychoanalysis presenting the paradox of human existence (freedom -determination) from the perspective of the desire of being (ontological condition) as authentic or inauthentic choice of itself. It will substantiate that every choice will be made only from objective determinations involving the acting subject, since "the desire of being" is part of the historical movement (material reality, *praxis*).

Key-Words: Sartre, situation, desire, authenticity

Resumé: Nous avons l'intention, à travers de la philosophie de Jean-Paul Sartre et de Gilles Deleuze, de marquer le moyen par le quel ces deux penseurs comprennent l'importance de la littérature dans le dévoilement de l'activité humaine face à la démarche philosophique.

Mots-clés: Devenir, Intentionnalité, Langage, Littérature, Ontologie.

1. Introdução

Pretende-se, neste trabalho, inserir o tema da moral na psicanálise existencial apresentando o paradoxo da existência humana (liberdade-determinação) pela ótica do *desejo de ser* (condição ontológica) enquanto escolha autêntica ou inautêntica de si. Fundamentar-se-á que toda *escolha* se dará somente a partir das determinações objetivas que envolvem o sujeito agente, já que “o desejo de ser” insere-se no movimento histórico (realidade material, *praxis*). A partir desta questão, será importante encontrar os caminhos para se pensar em um existente que, embora seja condicionado pelo contexto histórico desde seu nascimento (*prédestination*), ele não poderá ser reduzido a um “estado” de *destino-natureza*: será o sujeito como possibilidade de *conversão* (eis a escolha moral autêntica diante do “dever-ser”). Tratar-se-á, deste modo, de apresentar o homem concreto inserindo-o em uma ordem moral e social que terminará por *situá-lo* em um universo constituído pela *tensão* subjetividade-objetividade: ele estará condenado a produzir-se a partir de um mundo já estruturado, valorado e institucionalizado. Com o risco de fazer-se *inessencial* diante da *essencialidade* da matéria e das estruturas da

realidade que o cerca, o processo de subjetivação dar-se-á, inevitavelmente, em uma realidade coletiva e normatizada: é o risco de produzir-se como *coisa* entre as coisas que o cerca. Neste aspecto, defender-se-á a psicanálise existencial, enquanto possibilidade de apontar para um sujeito que se esforça a apreender a si mesmo como *devoir* histórico para além de uma *ἔξις* (caráter, identidade, em-si-para-si, natureza humana, substância, inércia), como uma descrição moral – e isso na medida em que ela procura revelar o sentido ético dos diferentes projetos humanos e evitar que a *liberdade orientada* se volte “contra” si mesma. É a aventura humana no perpétuo risco de perder-se de si.

2. Ontologia e História: a angústia de “Ser” enquanto insuperável paradoxo

Para que se possa estabelecer uma relação entre a ontologia (o fenômeno humano enquanto “desejo de ser”) e a exteriorização do processo de produção de si (ou o “desejo de ser” realizando-se no plano da história), escolheu-se aqui partir de uma das máximas do *O ser e o nada* (e também o postulado fundamental da psicanálise existencial): “a existência precede a essência”.² Este “existir”, é preciso ressaltar, manifesta-se por um movimento dialético que caracteriza o sujeito como um ser-no-mundo sustentado por duas dimensões inseparáveis: 1) a concretude (a exterioridade, o homem-objeto) e 2) o *cogito, ergo sum* (a interioridade, o homem-sujeito). Ambos, à luz desta “existência que precede a essência”, apontam para um processo de subjetivação que exclui todo e qualquer tipo de “Natureza Humana” que fosse capaz de garantir alguma estabilidade ou um *a priori* ao ser existente, já que “não há diferença entre o ser do homem e seu ‘ser livre’”³ – afinal, existir é revelar uma maneira de ser no mundo sem que o indivíduo possa determinar-se ou justificar-se por uma essência *a priori* e a-histórica.

Deste modo, não determinado, cada um é absolutamente responsável por aquilo o que faz de si mesmo, ou melhor, todo homem carrega sobre si a obrigação perpétua de (re)fazer seu *Eu* e criar-se a si mesmo como essência. A existência humana é contingente e absolutamente gratuita e não há quaisquer condições necessárias e suficientes (Deus, substância, *ἔξις*, eu transcendental, *noumeno*) pelas quais os seres humanos encontrem-se seguramente definidos. O homem está condenado a produzir-se constantemente a si mesmo como ser livre e situado e “esse eu, com seu conteúdo *a priori* e histórico, é a essência do homem. E a angústia, como manifestação da liberdade diante de si, significa

² SARTRE, 2001, p. 482

³ SARTRE, 2001, p. 60

que o homem está sempre separado de sua essência por um nada".⁴

Ora, a liberdade é revelada na angústia e caracteriza-se pela existência do nada entre tudo aquilo o que *motiva* a consciência (no caso, consciência *de* motivo, pois nela não há conteúdo) e a *praxis*: não há motivo *na* consciência, mas *para* a consciência. Como ressalta Sartre, o *motivo* (designado, significado) não é *coisa* (exterior, espaço-temporal), mas algo que pertence à subjetividade e, sendo assim, é pura transcendência. Mesmo em situação e inserido em um contexto histórico, a angústia sempre perseguirá o existente enquanto a manifestação da liberdade diante do processo da produção de si: é insuperável a interposição do *nada* entre o homem e sua essência. Pode-se, neste aspecto, partir da seguinte afirmação sartriana:

A essência [...] é a totalidade dos caracteres que *explicam* o ato. Mas o ato está sempre além dessa essência, ele somente é um ato humano quando transcende toda explicação que se lhe dê, precisamente porque tudo que se possa designar no homem pela fórmula "isso é", na verdade, por esse fato mesmo, é *tendo sido*.⁵

Embora o homem constitua-se por esse "*nada* do plano ontológico", não se pode negligenciar que todo ser existente está *situado*⁶ e todo o processo da produção de si terá como ponto de partida, inevitavelmente, uma compreensão pré-judicativa⁷ de sua essência (dada pela história, pela sociedade, por meio do contexto familiar, pela educação, por crenças e pela tradição), o que coloca as condições de possibilidade do fenômeno humano nas bases de um paradoxo insuperável, isto é, na relação determinação-liberdade – as *possibilidades instrumentais* de seu entorno condicionarão o seu processo de objetivação. Neste aspecto, história e ontologia coexistirão por intermédio de uma consciência mergulhada em condições concretas (dimensão sócio-material, estrutura social, política, econômica e religiosa) e possibilidades abstratas iniciais (valores, normas, padrões, conceitos, verdades, discursos) deste mundo previamente estabelecido, mas sem que ela perca sua estrutura nadificadora.

Dentro deste contexto, a liberdade é apreendida como a expressão mais evidente do *nada* que se insere entre tudo aquilo o que motiva a consciência (realidade subjetiva) e a *praxis* (realidade objetiva). Todavia, "continua valendo o fato de estar ao alcance de

⁴ SARTRE, 2001, p. 70

⁵ SARTRE, 2001, p. 70

⁶ Como escreve Sartre: "Os problemas das relações do Eu (Ego) com a consciência são, portanto, problemas existenciais" (TE, p. 17), isto é, remetem a problemas *reais* (uma consciência *singularmente vivida*, empiricamente observável pelos atos e comportamentos e exteriorizando-se *no* mundo, mas não se reduzindo a um objeto de conhecimento).

⁷ Cf. EN, p. 70.

qualquer um de nós tentarmos mediatizar a angústia mantendo-se acima dela e julgando-a como uma ilusão decorrente de nossa ignorância sobre as causas reais de nossos atos"⁸.

Esse paradoxo traz uma importante revelação, a saber, de um lado, deseja-se a inércia e o estado determinado da matéria inanimada e, de outro, tenta-se (re)estabelecer vínculos temporais (passado/presente, presente/futuro) que produzam atos livres (transcendentes), só que fundamentados em razões exteriores (e não nos atos em si) para retirar do sujeito agente o peso de seus engajamentos e de suas responsabilidades.

Procurando o conforto permanente de desculpas e visando reduzir a existência a um “ser o que se é e não ser o que não se é”, o sujeito pretende realizar a absoluta positividade do em-si no para-si e, ao mesmo tempo, permanecer livre. Por exemplo, “Eu afirmo que *sou* minha essência à maneira de ser do em-si”⁹ e “recuso considerar essa mesma essência como historicamente constituída”.¹⁰ Mas há aqui um pressuposto ontológico para este paradoxo da “determinação-liberdade”: a relação desejo-falta.

3. Desejo e falta: a produção de si como determinação (realidade antropomorfizada), liberdade (situada) e responsabilidade (dimensão ética da existência)

Em um primeiro momento, parte-se do pressuposto de que o homem é, na perspectiva sartiana, ontologicamente *falta* e, enquanto tal, “desejo de plenitude” (desejo de ser em-si).¹¹ Sendo assim, é originalmente existência sem essência (mais uma vez o postulado fundamental da psicanálise existencial aqui aparece) ou, dito de outra forma, o homem é o que faz de si mesmo. Como para Sartre não pode haver identidade ou estabilidade no processo de produção de si, é impossível que o homem coincida consigo mesmo (é o *ens causa sui* ou o homem como paixão inútil¹²) e isso se deve pela insuperável translucidez da consciência (não se introduz a opacidade no seio da translucidez total da consciência¹³): a relação do para-si com o si que projeta ser é uma relação de opacidade e não de identidade.

⁸ SARTRE, 2001, 75

⁹ SARTRE, 2001, p. 77

¹⁰ SARTRE, 2001, p. 77

¹¹ Cf. EN, p. 125.

¹² Cf. EN, p. 662.

¹³ Cf. EN, p. 63. Seria uma espécie de “olhar translúcido” pelo qual o sujeito se direciona para além da coisa percebida, isto é, em direção a um futuro (um não ainda) e assumindo-se como não sendo tal coisa – o para-si não é o objeto olhado. O para-si, desta forma, afirma-se como não sendo o passado posicionado ou tematizado (isso na perspectiva da impossibilidade dele fundamentar-se em em-si-para-si, que nada mais é do que um projeto fracassado).

Mas ainda assim o homem é falta e desejo de ser em-si-para-si (projeto fundamental) e é aqui que se apresenta o segundo momento desse pressuposto ontológico: o “desejo de ser”. Este, por sua vez, exterioriza-se e expressa-se concretamente *no* mundo por meio das relações concretas que o sujeito estabelece consigo, com os outros e com a matéria inorgânica e só assim terá as condições de colocar para si uma “essência” (conteúdo *a priori* e histórico, mas sempre separado dele por um “nada de ser”). Afinal, “A ontologia existencialista é histórica”¹⁴ e se é possível falar da existência de sujeitos e de sociedades humanas, é porque ambas se fundamentaram e se fundamentam em “escolhas históricas”.¹⁵ Ora, não é esta a condição do homem de existir em e a partir de uma *situação*?

É assim que existir em situação (datada) é submeter-se a uma realidade antropomorfizada¹⁶ que orienta liberdades: “entre o objeto e eu já deslizou uma transcendência humana que guia a minha transcendência; o objeto já está humanizado, significa o ‘reino humano’.”¹⁷ O indivíduo só existe em situação, lançando-se, inevitavelmente, no “fluxo passivo e impetuoso do vivido”¹⁸ estando, ao mesmo tempo, condenado a transcender toda sua “presença carnal e indeterminada”¹⁹ pela mediação das determinações do mundo (ou do seu coeficiente de adversidade). Neste aspecto, a experiência de si dá-se pela mediação do vivido, por estruturas ontológicas fundamentais que se inserem no movimento concreto do sujeito no mundo, entre outras consciências e dentro (a partir e para além) do movimento histórico. É a vida produzindo-se na experiência concreta, material e abstrata da existência, fazendo-a e sendo feito por ela – afinal, “o coeficiente de adversidade da matéria revela-se como caso particular da adversidade do mundo enquanto ele é o entorno do homem”.²⁰

O projeto fundamental da existência, portanto – e pela própria materialidade do mundo –, é tornar-se um em-si-para-si e realizar a plenitude do ser, a estabilidade, a cessação do movimento e do “projetar-se a”. É pela tentativa de aniquilar o constante devir da existência que o homem poderá fascinar-se pelo em-si, criando infinitas possibilidades de alienação: eis o problema! Mas, como “o homem é uma paixão inútil”, o devir e a condição fundamental de sua existência (o desejo de ser *ens causa sui*, a

¹⁴ SARTRE, 1983, p. 14

¹⁵ Cf. EN, p. 545.

¹⁶ Termo este que aparecerá em QM, p. 98.

¹⁷ SARTRE, 2001, p. 467

¹⁸ SARTRE, 1972, p. 301

¹⁹ SARTRE, 1972, p. 311

²⁰ SARTRE, 1960, p. 749

liberdade e a realidade de seu nada potencial) estarão sempre presentes em suas manifestações, fazendo-o buscar e criar novas determinações para superar a angústia ou o absurdo da existência (projeto este também fadado ao fracasso).

É deste modo que as estruturas da temporalidade na existência humana podem constituir-se como formas autênticas ou inautênticas de apreensão e percepção de si, do outro e do mundo, o que significa afirmar que o movimento de transcendência da temporalidade implica na existência de dois aspectos do processo da produção de si: 1) o sujeito constituindo-se por meio de um movimento pseudotranscendente (diante das “resistências” do mundo, o homem deixa-se *enfeitiçar*²¹ pela opacidade das coisas no mundo) e 2) a construção de si pela transcendência (o homem como contingência e possibilidade da *conversão*²²). Como sugere o próprio Sartre em *Situations, X*, o termo *determinismo* pode ser substituído por *predestinação* para mostrar que *nascer* é perder-se na *alienação* (“Sempre nos perdemos na infância: os métodos de educação, a relação pais-criança, a formação”²³), ao mesmo tempo em que se traz em seu próprio seio a dimensão da *escolha* (a única *necessidade* é ainda a *liberdade* – ainda que esta se dê a partir de um “vivido carregado de desejos sociais”²⁴).

Sendo assim, será pelo sujeito, inserido em um sistema de valores (instituições, infraestruturas, conjectura histórica), que se produzirá o vivido concreto como um movimento de conservação e de superação do dado (da família, como coletividade condicionante; das estruturas econômicas, sociais e históricas); movimento este pelo qual surgirão as possíveis contradições internas de seu vivido. É neste aspecto que na infância, por exemplo, a vontade do outro (objetivos estrangeiros) é imposta de fora e interiorizada pela criança como sendo seus objetivos, ou seja, ela se produz a partir da vivência desses condicionamentos (ou da interiorização deles) que, a princípio, se caracterizam “obscuramente como uma determinação subjetiva”²⁵: a subjetividade somente pode se manifestar a partir dos únicos instrumentos de que ela dispõe (a simbolização “como estrutura do ser-no-mundo”²⁶, os mitos e os valores) para que possa compreender seu

²¹ Ver o termo *enfeitiçado* (*envoûter*) em EN, p. 433 ou ainda *liberdade enfeitiçada* (*liberté envoûtée*) em CM, p. 369.

²² Para Rizk, a conversão é “a aparição de uma outra maneira de existir, que não suprime o projeto original mas o transforma em tema de um colocar em questão a si mesmo.” (RIZK, Hadi. *L'action comme assumption de la contingence*. In: BARBARAS, Renaud(Org.). *Sartre : Désir et liberté*. France: Presses Universitaires de France, 2005. p. 153).

²³ SARTRE, 1976, p. 99

²⁴ Como bem mostra Sartre na análise de Flaubert (ver IF, Vol III, p. 31).

²⁵ IF, Vol III, p. 11.

²⁶ EN, p. 641.

entorno, a si mesma e de onde surgem as condições objetivas de seu ser-no-mundo (ou ainda, o modo pelo qual ela se exterioriza em meio a tais estruturas objetivas de seu entorno). É aqui que a psicanálise existencial aparece com um sentido ético.

Seguindo-se essa perspectiva, todo acontecimento (ou evento objetivo) é apreendido como um conjunto de determinações que “induz” (eis aqui a concepção sartriana de “liberdade orientada”²⁷) a apreciação subjetiva do externo, orientando o modo pelo qual o sujeito se situa no mundo e o percebe (é o passado como tradição, reproduzido no presente, ou o “peso” do passado sobre o presente, mas sempre realizando-se a partir de um movimento de interiorização). Sendo assim, trata-se, em todos os momentos, de um “espírito que decide”²⁸, ou, ao menos, trata-se de jamais suprimir a subjetividade enquanto *projeto*. “Complexos, estilo de vida e revelação do passado-a-ser-superado como futuro a criar fazem uma só e mesma realidade: é o projeto como *vida orientada*, como afirmação do homem pela ação”.²⁹

Ora, somente será possível compreender e analisar as condutas do existente a partir de seus fins, concebendo-os como respostas às situações vividas a partir de uma realidade que se constitui sob o pano de fundo de um sistema de valores e este, por sua vez, compreendendo-o como algo que se produz pelas relações que fundamentam, suscitam e produzem o indivíduo (como uma classe, uma família) – o que Sartre chama de “um a priori afetivo” ou “afecções que parecem nascer unicamente da natureza humana”³⁰, ou ainda padrões pré-esboçados (afetividade, sexualidade, desejo) à luz de uma pretensa natureza e de uma sociedade que impõe os imperativos normativos (aquilo o que Sartre chamou de um “psicofisiologismo da época”³¹). É neste momento que se fez necessário introduzir o tema da *responsabilidade* do sujeito enquanto “revelador de ser” e enquanto “construção concreta de si no mundo”.

Tendo-se apresentado a ideia de que o projeto fundamental do homem é desejo de ser em-si-para-si e, conseqüentemente, esse *desejo de ser Deus* do existente (o *ens causa sui*) – que, na interpretação de Francis Jeanson, “representa sempre uma *invenção particular* de seus fins” – insere a realidade humana, pela mediação do mundo, na dimensão ética dos vividos, chega-se a imagem de um existente que está absolutamente abandonado e sem justificativas *a priori*, de modo que ele será o único legislador do

²⁷ CM, p. 28.

²⁸ Cf. CM, p. 28.

²⁹ CRD, p. 72.

³⁰ As duas afirmações encontram-se em IF, Vol III, p. 18.

³¹ IF, Vol III, p. 168.

“reino dos valores” na exata medida em que não pretende abdicar de sua liberdade (único fundamento dos valores). Assim, existir é estar condenado a produzir-se pela mediação de um *dever-ser* que se concretiza (ou exterioriza-se) em uma realidade coletivizada, isto é, dentro de uma “pluralidade de sistemas significantes”³² e pela mediação da “propriedade coletiva das técnicas”³³, “já que eu apreendo que faço parte de um *nós* pelo mundo.”³⁴

É dentro deste contexto que se afirma a *liberdade situada* como o ponto de partida para que a psicanálise existencial tenha as condições de decifrar e desvendar os comportamentos empíricos do indivíduo em relação (significante) com a realidade que o cerca, ou seja, por uma existência que se desvela como *conhecimento* e *praxis*³⁵, convidando-o, a cada empreendimento, a uma tomada de consciência do fracasso fundamental deste projeto de constituir-se em em-si-para-si (ou do projeto original enquanto fascinação sobre o Ser), mergulhando-o no “projeto [do para-si] de se pôr em questão como *existente*, ao invés de buscar condensar-se em *ser* [postura “fixista”], aceitação do fato de que o modo de ser do existente é ‘diaspórico’”³⁶ (postura “anti-fixista”) – sem, no entanto, procurar convencê-lo em renunciar a *ser*, o que seria uma postura de má-fé (é o insuperável paradoxo da existência, ou o processo da produção de si enquanto intransponível *tensão* – “liberdade e inércia”³⁷).

4. Considerações finais

Para Sartre, a moral deve ser entendida como “o conjunto de imperativos, valores e critérios axiológicos que constituem os lugares comuns de uma classe, de um ambiente social ou de uma inteira sociedade.”³⁸ É neste contexto que a psicanálise existencial aparecerá como um problema ético: ela “tem, precisamente, por papel desvelar o sentido ético dos diferentes projetos humanos e de evitar que a liberdade espontaneamente posta

³² EN, p. 555.

³³ Ibidem, p. 557.

³⁴ Ibidem, p. 466.

³⁵ “O *objetivo* da psicanálise é *decifrar* os comportamentos empíricos do homem, ou seja, de clarificar ao máximo as revelações que cada um contém” (EN, p. 614) e como “a iluminação do sujeito é um fato” (EN, p. 620), pela mediação da psicanálise existencial, será possível fazer com que o sujeito, cada vez mais, “*tome conhecimento* [e não *consciência*] de seu ser [ou daquilo o que ele é]” (EN, p. 620).

³⁶ VE, p. 13.

³⁷ CRD, p. 487. Ou ainda: “*tensão* temporalizadora” (CRD, p. 655), “*tensão* da vida” (CRD, p. 256), “*tensão* imanência-transcendência” (CRD, p. 409).

³⁸ SARTRE, Jean-Paul. Determinação e Liberdade. In: DELLA VOLPE, Galvano. (et al.). *Moral e Sociedade*: um debate. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 34.

em jogo se volte contra si mesma.”³⁹ É a possibilidade de se exercer uma *ἐποχή*, uma *sursis* ou de “colocar entre parênteses” as verdades pelas quais o indivíduo apreende e concebe a si, o outro e o mundo; é uma tentativa, uma busca e um esforço constante para se estabelecer as condições de possibilidade da transformação da *ἔξις* em uma *práxis* autêntica⁴⁰. Eis o desafio a que todos estão mergulhados!

Desta forma, conscientizando-se de que nascer é estar entre as estruturas (humanas) do mundo, deve-se compreender que é pela dimensão humana que os valores chegam ao ser e encontram seu fundamento na liberdade e, como resultado, o mundo torna-se humanizado, pois é o homem que revela o valor, o sentido e a relação entre as coisas e as significa: “o homem real não é só o ponto de partida, é também mestre do seu destino, criador do seu mundo e de si próprio.”⁴¹

Sendo assim, o homem não tem uma natureza pré-fixada e seu ponto de partida é, no plano ontológico, o *nada de ser* (recoo nadificador) e, no plano histórico, a situação (ser-em-situação): o indivíduo toma consciência de si pela mediação da estrutura social da qual pertence, adquirindo valores, costumes, hábitos e modos de exteriorizar-se no mundo. O homem está condenado a escolher e, enquanto tal, produz também o destino dos outros homens, estabelece a imagem de um dever-ser (ou a realização de um Valor) como padrão a ser seguido, uma espécie de “destino-natureza de ser diante dos valores objetivados”.⁴²

Por fim, a *praxis* (passagem do objetivo pela interiorização) e o *projeto* (superação subjetiva da objetividade em direção à objetividade) constituem-se como *tensão* (*tendu*⁴³) entre a objetividade (condições objetivas do meio e as estruturas do campo dos possíveis) e a subjetividade (a consciência enquanto transcendência como momento necessário do processo objetivo). Ambos dão-se como unidade em movimento e como condição necessária da *ação*, isto é, como sendo as condições reais (materialidade, relações concretas) que condicionam as relações humanas, não somente como ideias (abstrações), mas enquanto condições vividas na singularidade das situações particulares (vivenciadas na carne).

³⁹ JEANSON, Francis. *Le problème moral et la pensée de Sartre*. Éditions du Seuil: Paris, 1965, p. 262.

⁴⁰ “Fazer com que haja ser” e “dar um sentido ao ser” não se realizam pela contemplação, mas sim pelo *esforço* (ou seja, pela ação) que o homem encontra um sentido para si e para o mundo (ver CM, p. 502).

⁴¹ SCHAFF, Adam. *O Marxismo e o indivíduo*. Tradução de Heidrum Mendes da Silva. RJ: Civilização Brasileira, 1967, p. 186.

⁴² CM, p. 16.

⁴³ QM, p. 66

O homem “muda o mundo a cada instante”⁴⁴ e esta sua “possibilidade perpétua de agir, isto é, de modificar o em-si em sua materialidade ôntica, em sua ‘carne’, deve ser considerada, evidentemente, como uma característica essencial do para-si”⁴⁵. O existente, revelado como *tensão* entre o universal e o singular, manifesta a liberdade humana:

Assim, descobrimos uma nova tensão no coração de nossa autenticidade: aquela de ser um absoluto vivente que nada pode mudar no tempo em que vivemos e aquela de ser irremediavelmente e necessariamente um futuro passado em que a liberdade será, ao mesmo tempo, nova e eu mesmo decidirei. Assim, o passado, como futuro estado sem defesa frente a frente dos decretos de uma liberdade, se introduz no coração do absoluto presente.⁴⁶

Na singularidade do *vivido*, por conseguinte, o processo de subjetivação dá-se como condicionamento (realidade estruturada, motivos⁴⁷) da atividade que, por sua vez, se inscreve na realidade. Daí a psicanálise existencial como “um método destinado a elucidar, com uma forma rigorosamente objetiva, a escolha subjetiva pela qual cada pessoa se faz pessoa, ou seja, se faz anunciar a si mesma aquilo o que ela é”⁴⁸. Reconsiderando-se, deste modo, sua *essencialidade* na presença da *inessencialidade* do mundo, tratar-se-á, por fim, de compreender que “nós somos a origem de toda questão”⁴⁹ e de buscar elucidar a maneira singular pela qual cada um se esforça para realizar o seu desejo de ser – eis o perpétuo esforço (autêntico) de se fazer a passagem da *ἔξις* para a *práxis*.

5. Abreviações das principais Obras de Sartre

EN	<i>L'êtr e le néant</i>
CM	<i>Cahiers pour une morale</i>
QM	<i>Questions de Méthode</i>
IF, III	<i>L'Idiot de la Famille, Vol. III</i>
S, IX	<i>Situations, IX</i>
S, X	<i>Situations, X</i>

⁴⁴ EN, p. 470

⁴⁵ Ibidem, p. 471.

⁴⁶ CM, p. 493.

⁴⁷ Sartre compreende por *motif* “a captação objetiva de uma situação determinada enquanto que essa situação se revela, à luz de certo fim, como podendo servir de meio para atingir esse fim.” (EN, p. 491).

⁴⁸ EN, p. 620.

⁴⁹ IF, III, p. 225. Será possível aqui resgatar a afirmação de EN de que o homem é o “ser das lonjuras” (EN, p. 52), do mesmo modo que Sartre utiliza-se desta afirmação em Flaubert (IF, III, p. 260) para apresentar o homem como um ser-em-perpétua-sursis ou o homem como *projeto* (IF, III, p. 194) e na CRD, p. 285 (focando-se no processo de objetivação do homem via mundo).

TE	<i>La transcendance de l'ego</i>
VE	<i>Verdade e Existência</i>
EH	<i>L'existentialisme est un humanisme</i>
CRD	<i>Critique de la raison dialectique</i>

REFERÊNCIAS

- JEANSON, Francis. *Le problème moral et la pensée de Sartre*. Éditions du Seuil: Paris, 1965
- SARTRE, Jean-Paul. Questions de méthode. In : *Critique de la Raison dialectique*. Paris: Gallimard, 1960.
- _____. *Critique de la Raison dialectique* (precédé de Questions de méthode). Paris: Gallimard 1960.
- _____. *Situations, IX: mélanges*. Paris: Gallimard, 1972.
- _____. *L'Idiot de la Famille: Gustave Flaubert, de 1821 à 1857, Vol. III, La névrose objective*, Paris: Gallimard, 1972.
- _____. *Situations, X: Politique et Autobiographie*. Paris: Gallimard, 1976.
- . *La transcendance de L'Ego: Esquisse d'une description phénoménologique*. Paris: VRIN, 1978.
- _____. *Determinação e Liberdade*. In: DELLA VOLPE, Galvano. (et al.). *Moral e Sociedade: um debate*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- _____. *Cahiers pour une morale*. Paris: Gallimard, 1983.
- _____. *Verdade e existência*. Trad. Marcos Bagno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- _____. *L'existencialisme est un humanisme*. Présentation et notes par Arlette Elkaïm-Sartre. France: Folio/Essais (gallimard), 1996.
- _____. *L'être et le néant: essai d'ontologie phénoménologique*. France: Gallimard, 2001.
- SCHAFF, Adam. *O Marxismo e o indivíduo*. Tradução de Heidrum Mendes da Silva. RJ: Civilização Brasileira, 1967.
- RIZK, Hadi. L'action comme assumption de la contingence. In: BARBARAS, Renaud(Org.). *Sartre : Désir et liberté*. France: Presses Universitaires de France, 2005.